

Festa: o dom do espaço

Party: dom of the space

Marielys Siqueira Bueno¹

RESUMO: As festas populares constituem um cenário importante e atraente da cultura. Muitas festas populares, em diferentes regiões do Brasil, evoluíram para uma apresentação elaborada, complexa, às vezes luxuosa. Essas festas supõem o acolhimento do “outro”, portanto, uma expansividade coletiva. Nelas, a doação do espaço se completa com a doação de si mesmo, estabelecendo uma dinâmica de reciprocidade. A festa do Boi-Bumbá de Parintins e a Cavallhada de Pirenópolis são exemplos de festas populares enquanto uma forma de ação coletiva por meio de uma orga-

¹ Diplomada em Études Approfondies en Anthropologie Sociale e em Études Approfondies en Cinéma Anthropologique, pela Sorbonne, na França. Doutora em Sociologia pela USP, Mestra em Antropologia pela UFGO, e Pedagoga. Docente, desde 1997, em cursos de Turismo é professora do Programa de Mestrado em Hospitalidade e da Graduação em Turismo da Universidade Anhembi Morumbi.

nização estruturada de atividades. A despeito de várias influências elas persistem, e se ampliam, e a razão desse fortalecimento talvez explique os aspectos positivos da articulação da festa/acolhimento/convívio.

PALAVRAS-CHAVE: festas tradicionais; cultura popular; Festa do Boi-Bumbá; Cavalhada de Pirenópolis; hospitalidade.

ABSTRACT: The popular feasts constitute an important and, attractive scenario of the culture. Many popular feasts, in different regions of Brazil, have developed into elaborate, complex and sometimes luxurious performances. Such feasts assume the friendly acceptance of the “other” and, therefore, a collective expansivity. In these feasts the donation of space is completed with self-donation, thus establishing a reciprocity dynamics. The Boi-Bumbá feast in the city of Parintins as well as the Cavalhada in Pirenópolis are examples of popular feasts carried out through a structured organization of activities. Despite the various influences, the reason for such strengthening might explain the positive aspects of this articulation feasts, acceptance/togetherness.

KEY WORDS: traditional parties; popular culture; Party of Ox; Cavalhada de Pirenópolis; hospitality.

Festas populares e tradicionais

A festa, em todas as suas diferentes modalidades e múltiplos significados e contextos, têm em comum o fato de criar um espaço privilegiado para fortalecer e nutrir a rede de relações sociais, a parte vital da chamada “teia da vida”.

As festas, esses eternos rituais que acompanham o homem em momentos suspensos, extraídos da linearidade do tempo, têm muitas faces. Aqui quero destacar a festa popular na cultura brasileira, para referir os festejos de caráter comunitário nos quais a participação do povo brasileiro se mostra de forma vigorosa. Nesse sentido, a festa constitui uma linguagem simbólica que traduz muitos valores nacionais.

As festas populares ocupam um lugar privilegiado na cultura brasileira. Seu forte apelo aos sentidos atrai e envolve tanto a comunidade quanto os visitantes e admira-

dores. Nas festas, por todo o Brasil, o jogo de cores, os ritmos, as toadas, os bailados e as comidas se multiplicam e encantam os que dela participam, criando um envolvimento que, de certa forma, dilui barreiras e fronteiras entre sagrado e profano, rico e pobre, brancos e mulatos.

Pode-se dizer que, a despeito da modernidade, as festas crescem, se multiplicam e ganham visibilidade. Muitas festas tradicionais tornaram-se atrações turísticas exercendo, pela sua organização, uma ação de destaque, podendo alcançar o nível de instituição nacional. As relações sociais que estão na base dessas manifestações ganham outras dimensões e induzem a modificações importantes.

Por meio dessas festas tradicionais, pequenas cidades, vilas antes desconhecidas, ganham uma visibilidade nacional que favorece, entre outros aspectos, a construção de identidades sociais. Nesse processo, a tradição ganha novos significados, expande suas dimensões, fortalece suas raízes, tornando-se particularmente adequadas para expressar com mais vigor a história, os valores do grupo. Pode-se dizer, também, que elas privilegiam o imaginário em momentos criativos de uma plasticidade rica e atraente, e fazem oposição ao individualismo engendrado pelas características urbanas.

A complexidade e riqueza das festas têm sido abordadas por vários autores. Rita de Cássia Amaral (1998, p. 12), em “Festa à brasileira”, diz que *feira* é, conforme o contexto, capaz de celebrar, ironizar, sacralizar a experiência da vida social, apontando, assim, seu poderoso papel mediador entre as estruturas econômicas, bem como entre as diferenças sociais e culturais, estabelecendo pontes entre grupos, realidades e utopias, além de suas mediações simbólicas entre o sagrado e o profano. Ainda segundo Amaral, a festa é capaz de apreender o sentido de cidadania, proporcionando um despertar da consciência. Por essas razões, entre outras, ela atribui às festas uma tríplice importância: cultural, por colocar em cena valores, projetos, artes e devoção; como modelo de ação popular e como produto turístico capaz de revitalizar e revigorar muitas cidades.

Muitas festas populares, em diferentes regiões e cidades do Brasil, evoluíram para uma apresentação elaborada, complexa, às vezes luxuosa. Sua organização envolve um planejamento e uma elaboração que, não raro, toma o ano todo requerendo habilidades e talentos variados. Por essa razão cria-se uma rede de sociabilidade a partir de grupos de pessoas envolvidas na organização e preparação da festa.

Entre os aspectos alienantes da economia e as limitações opressoras do poder, o Ser humano reage, infiltrando nos interstícios da sociedade formas revitalizadoras para recuperar seu sentido de participação e construção de identidade. Entre esses mecanismos, a festa é um espaço que se destaca. Particularmente, são as festas que manifestam a cultura popular pelo seu grande potencial criativo e de integração. Referindo-se à festa como manifestação cívica e cultural, Octávio Paz (1984, p. 32) diz que a “sociedade comunga consigo mesmo na festa e, graças a ela, o mexicano comunga com seus semelhantes e com os valores que dão sentido à sua existência”.

Assim, pode-se perceber que, nas festas, numa convivência solidária e de diferentes modos de participar, os homens criam, imaginam e inventam formas de sustentar o humano no social, a identidade na impessoalidade.

Apesar dos aspectos positivos e vigorosos de manifestação cultural, a expansão de certas festas populares no cenário nacional tem gerado muitas e variadas reflexões e muitas delas focalizam as transformações ocorridas na tradição em função do número crescente de visitantes cada vez mais numerosos. A oposição entre brincadeira popular e espetáculo, entre cultura popular e cultura de massa, ou seja, as questões como mercantilização e espetacularização etc., são aspectos apontados por estudiosos das festas brasileiras que passam por processos de expansão.

Essas festas inevitavelmente se atualizam à medida que incorporam técnicas da modernidade. Inevitavelmente é, também, dada a força do movimento turístico, o crescimento do fluxo de visitantes. No entanto, devemos considerar que, embora a modernização da sociedade tenha se aprofundado e as diversas modalidades de comunicação tenham padronizado muitos códigos e símbolos pela cultura de massa, a cultura popular, especialmente por meio de seus festejos, revela uma extraordinária vitalidade.

No processo comunicacional da festa que Luiz Beltrão chama de “folkcomunicação” Cristina Schmit Silva (2002, p. 35) aponta um dinamismo da maior importância, isto é, essas festividades populares “não manifestam apenas os aspectos tradicionais, mas assimilam características decorrentes do processo maior dando-lhes novas formas, novos significados”.

Vemos, portanto, que a festa é uma realidade social que requer abordagens e interpretações múltiplas e complementares. Gostaria de ressaltar o fato de ser ela um

campo privilegiado para a prática da hospitalidade que, “antes de tudo, é a dádiva do espaço” (GODBOUT, 1999).

As festas populares desse gênero supõem, evidentemente, o acolhimento do “outro” — uma expansividade coletiva. A doação do espaço completa-se com a doação de si mesmo estabelecendo assim, uma dinâmica de reciprocidade.

Para essa reflexão, vamos considerar que “hospitalidade é interação entre seres humanos com seres humanos em tempos e espaços planejados para essa interação” (CAMARGO, 2003). As festas constituem um cenário importante e atraente da cultura e, por isso mesmo, oferecem um espaço e um momento extremamente favorável ao acolhimento, principalmente porque nada na sociedade atual favorece tais encontros, devido à fragmentação e ao estilo de vida do espaço urbano que comprometem o convívio e empobrecem as relações. A dádiva, que permeia a hospitalidade, cuja função primordial é criar laços e estabelecer relações, seria o antídoto para a acentuada tendência da modernidade de suprimir os vínculos primários.

Na multiplicidade de festas que se tornaram verdadeiros “eventos” nacionais, elegemos a festa do Boi-Bumbá de Parintins, no Amazonas, e a Cavallhada de Pirenópolis, em Goiás, como apoio para algumas considerações sobre certas características do festejar popular brasileiro. Principalmente porque encontramos nelas essa solidariedade de base no espaço festivo que une os habitantes dessas comunidades.

A primeira é uma festa de motivação folclórica e, a segunda, uma festa religiosa. Com temas, motivações e estruturas de organização tão diferentes é surpreendente encontrar nelas vários aspectos comuns. Ambas privilegiam o imaginário em momentos criativos de uma plasticidade rica e atraente e, em ambas, encontra-se o aspecto “mutirão” que evidencia a oposição ao individualismo engendrado pelas características urbanas.

Tanto Parintins quanto Pirenópolis são cidades pequenas e inexpressivas no cenário nacional, mas ganharam notoriedade e atraem um grande número de visitantes por ocasião das suas festas.

Ambas podem ser consideradas uma forma de ação coletiva e, por essa razão, implicam uma organização estruturada das atividades. Requerem a participação efetiva de praticamente toda a comunidade, durante o ano todo, por meio da distribuição

de funções dentro de uma estrutura de planejamento e produção. Assim, enquanto produto social resultante da reunião ativa de seus participantes, gera, num efeito dominó, vários produtos, materiais e comunicativos, além de criar uma identidade entre os participantes.

Imediatamente após o término da festa iniciam-se o planejamento e a montagem da próxima. Dividem-se tarefas envolvendo inúmeras especialidades e talentos. Dessa forma, a festa insere-se na própria vida cotidiana.

O importante dessas manifestações festivas é a genuína comunhão e o autêntico entusiasmo da participação coletiva. Por intermédio desse processo, o núcleo tradicional da cultura ganha meios de expressão de maior amplitude que lhes permitirá falar com mais vigor de sua história, redinamizar seu imaginário e recuperar valores e memórias.

A despeito das várias influências, essas festas conseguem resistir, se manter e até se ampliar, marcando sua presença no cenário nacional de maneira surpreendente.

A razão dessa persistência e desse fortalecimento talvez explique igualmente os aspectos positivos dessa articulação da festa comunitária com formas de acolhimento e novos elementos como o turismo. Numa cultura mundializada, diz Renato Ortiz, “há uma relação entre uma suposta cultura global nascente com as culturas locais, numa espécie de retroalimentação recíproca”.

A festa de Parintins

Em Parintins, o folclore do boi-bumbá é uma variante espetacular de um tema registrado em várias regiões do país.

Há controvérsias quanto à origem dos atuais bois de Parintins. Tem-se notícias de que existiram outros bois: Fita verde, Campineiro etc. mas tudo indica que os brincantes se simpatizaram com Garantido e Caprichoso e, por volta de 1913, tem início a tradição do Festival do Boi-Bumbá de Parintins com a disputa dos bois Garantido e Caprichoso.

O tema folclórico original do boi-bumbá diz respeito a um vaqueiro que, para satisfazer o desejo da mulher grávida de comer língua de boi, mata o boi que um

rico fazendeiro havia dado à sua filha querida. O fazendeiro descobre o “crime” e só suspenderá a punição ao vaqueiro de confiança se o boi for ressuscitado. Por interferência de um padre o boi ressuscita e o vaqueiro é perdoado. Na versão amazônica, um médico e um padre tentam ressuscitar o boi, mas fracassam. É introduzida então a figura do pajé. Este consegue o feito por meio de seus processos mágicos de cura, que levam ao perdão do vaqueiro e à reconciliação festiva. A figura do pajé, bem como a ênfase na incorporação do tema indígena, marca a singularidade do festival de Parintins frente às representações de outros estados.

Tradicionalmente, o boi-bumbá era uma brincadeira de rua. Os brincantes do boi saíam pelas ruas da cidade festejando, dançando e cantando diante das casas dos mais ricos, encenando a matança do boi. Em troca, o dono da casa comprava a “língua do boi”, ou seja, retribuía a dádiva com uma quantia em dinheiro dada aos brincantes.

A apresentação, na forma em que é conhecida hoje, iniciou-se em 12 de junho de 1966 e ficou registrada como o primeiro festival oficial. O local foi a praça da igreja Nossa Senhora do Carmo. A partir dessa data, as apresentações passaram a ter um caráter competitivo, pois visavam a agradar o público e conquistar o título de “o melhor do Festival”.

A partir daí há uma espetacularização do Festival. Em função do caráter competitivo, novos critérios de regulamentação foram progressivamente introduzidos na apresentação. A dimensão da festa levou os organizadores a se mobilizarem para adquirir um espaço permanente para a apresentação dos bois. Depois de várias experiências, a consolidação de um espaço permanente e adequado aos critérios da encenação será conquistada em 1988 com a inauguração do Centro Educacional e Desportivo Amazonino Mendes, conhecido e chamado de *bumbódromo* (numa alusão comparativa ao sambódromo do Rio de Janeiro).

O bumbódromo comporta trinta e cinco mil pessoas — dimensão espetacular se considerarmos o tamanho da cidade. O projeto arquitetônico tem o “detalhe original de ter sido desenhado externamente no formato de um boi, onde os membros correspondem aos quatro acessos à parte interna do bumbódromo, a cabeça estilizada do animal localiza a tribuna de honra e o corpo propriamente dito abriga as arquibancadas e cadeiras, bem como o local de apresentação dos bumbás” (BRAGA, 2002, p. 29).

Na época do festival, Parintins recebe um número significativo de pessoas, estimado em trinta mil turistas.

Garantido e Caprichoso se apresentam nos três últimos dias do mês de junho celebrando o boi-bumbá por intermédio de um enredo que guarda o núcleo semântico original, mas incorpora elementos do universo imaginário amazônico.

Cada boi cria, anualmente, um enredo que será representado na arena do bumbódromo, durante duas horas e meia, por três dias. Isso significa um trabalho para o ano todo, começando pelo planejamento, seguido por atividades febris para a execução das alegorias, os ensaios das coreografias e ajustes no acompanhamento rítmico e melódico da linha narrativa.

Devido à crescente complexidade técnica, recursos cenográficos, grandiosidade das alegorias e efeitos de luz, o festival assumiu uma dimensão comparável ao desfile das Escolas de Samba do Rio de Janeiro — fato extraordinário se considerarmos as dimensões da cidade e o grau de isolamento da ilha. Aliás, segundo Gil Braga, foi o carnaval carioca que inaugurou essa nova concepção de espaço destinado aos grandes espetáculos de massa que, mais tarde, se expandiu para outras manifestações populares.

Tudo que se possa ler e ouvir e imagens que se possam ver não conseguem transmitir a efervescência da festa, seu aspecto monumental e seu clima feérico. Ao amanhecer do primeiro dia dos festejos a cidade entra em ebulição. As ruas se transformam, num abrir e fechar de olhos; barracas se erguem com os mais variados produtos; embarcações típicas do Amazonas, com dois ou três andares e dezenas de redes para acomodar os passageiros, buscam lugar para atracar. Desse momento em diante, as ruas centrais, se transformam em palco onde milhares de turistas passeiam, dançam e compram artesanato. Sucos de frutos afrodisíacos são anunciados e pratos típicos são disputados nas barracas. Bicicletas, transformadas em “táxis”, disputam espaço com os turistas.

A expansão da festa e os novos significados da tradição determinaram, evidentemente, importantes modificações na vida dos habitantes da ilha. Severas críticas se contrapõem às vantagens apontadas pelos defensores do festival. As conseqüências negativas se confrontam, paradoxalmente, com os benefícios apontados, comprometendo as tentativas de avaliação.

Os nostálgicos relembram, com saudade, as brincadeiras de rua das quais todos podiam participar. Reclamam também de que o sucesso dos bois enfraquece outras manifestações folclóricas, tais como as “pastorinhas”, as “quadrilhas”, e até mesmo a Festa de Nossa Senhora do Carmo, a maior festa religiosa de Parintins, comprometendo suas permanências. Dizem, ainda, que as figuras que representavam a dramatização do boi ficaram apagadas diante do brilho das alegorias gigantes.

Pais reclamam do perigo a que suas filhas ficam expostas pela invasão de turistas, bebidas, drogas etc. Alguns estudiosos argumentam que o montante de dinheiro que circula em Parintins se concentra em despesas ligadas ao festival, o que significa priorizar o efêmero em detrimento de benefícios duradouros.

Alguns autores, no entanto, estão certos de que a mercantilização do folclore trouxe mais benefícios do que prejuízos para os habitantes de Parintins. Apontam para as melhorias de infra-estrutura urbana. As praças foram recuperadas, as ruas e avenidas foram recapadas de asfalto e as avenidas se embelezaram com canteiros centrais. Na avenida principal surgiram bares e lanchonetes, dando uma aparência mais aprazível e alegre à vida noturna.

Segundo o depoimento de Ana Rúbia Fernandes (2002, p. 99), a orla fluvial foi reforçada com estrutura contra o desbarrancamento das margens, embelezando a vista frontal da cidade. Seguindo a trilha das melhorias ela aponta a adequação do sistema de telecomunicações que se adequou à demanda do grande número de turistas.

Para atender ao crescente afluxo de turistas, o governo estadual lançou o programa “Cama e Café” para permitir que residências se adaptassem para acolher os visitantes, fazendo melhorias e acrescentando quartos e banheiros. Os barcos que fazem linhas regulares para Manaus transformaram-se em verdadeiros hotéis fluviais.

De navios de cruzeiros internacionais desembarcam turistas estrangeiros. Para estes são feitas apresentações especiais dos bumbas se chegam fora da temporada do festival.

A mercantilização da cultura popular está associada a um processo de valorização regional. Por isso o boi tem fortalecido o orgulho da população. Para Odinéia Andrade, membro do Conselho de Arte no boi-bumbá Caprichoso, “o boi tem con-

tribuído para o despertar e o fortalecimento da cultura parintinense. Os bois despertaram esse sentimento nativista que estava adormecido”. Diz não ser contra os acréscimos e a modernização do festival, pois acredita que “tradição e modernidade devem caminhar juntas”.

Marcos Santos, sobrinho do fundador do Caprichoso, falando sobre a festa diz: “isso enche a gente de orgulho, é uma coisa de arrepiar. É gostoso de se ouvir que a terra da gente, o país da gente está sendo lembrado fora daqui, pois a gente é quase sempre lembrado por causa da miséria e das dificuldades”.

Mas Wilson Nogueira (2002, p. 215) lembra que “o retorno social que o boi poderá dar para a sociedade vem da capacidade de articulação dos líderes que comandam o boi e da sociedade da democratização do boi”.

Cavallhada de Pirenópolis

Se o festival folclórico de Parintins surpreende e fascina pela constante renovação temática, pela rica variedade dos efeitos especiais das alegorias, o sucesso da Cavallhada na Festa do Divino em Pirenópolis surpreende, justamente, por repetir o mesmo ritual todos os anos sem apresentar nenhuma inovação. Todos os anos, no início de junho, a cidade toda se mobiliza e se dedica ao preparo dos festejos. A festa se repete anualmente. Repetem-se, também, as mesmas fantasias, o mesmo enredo e a mesma encenação da luta dos cristãos contra os mouros. Na apresentação das Pastorinhas, a mesma coreografia e as mesmas canções são apresentadas no teatro, sempre lotado, durante os três dias de apresentação, para uma platéia que sabe de cor cada passo, cada verso.

Mas se o efeito da festa consiste em conservar os seus rituais, todo ano ela quebra com a repetição deles, os dias infinitamente iguais da rotina.

(BRANDÃO, 1974, p. 20)

Pirenópolis é uma pequena cidade no interior de Goiás. Nasceu em 1727 da exploração das ricas minas de ouro da região. O ouro logo se esgotou e, para a cidade, sobrou o comércio e a lavoura.

A cidade ganha um novo impulso com a criação de Brasília, e em 1989, encerra o processo de tombamento do centro histórico como patrimônio cultural. Hoje é conhecida por meio do turismo histórico e ecológico e se destaca no cenário nacional por ocasião das tradicionais “Cavalcadas”.

A Cavalcada propriamente dita é a evocação da luta entre os cristãos e mouros inserida na Festa do Divino. Realizada desde 1819, a Cavalcada² é uma festa de caráter religioso, embora apresente aspectos secularizados que chegam a gerar conflitos e disputas de poder com a Igreja. Pode-se dizer que, nessas ocasiões, embora esteja presente a devoção, predomina o espírito da brincadeira, do divertimento e alegria.

O encerramento da festa marca o início da festa seguinte com o ‘sorteio’ para a escolha do próximo ‘imperador’ — aquele que levará a coroa do Divino para casa e será durante o ano todo o representante do Divino.

São também sorteados, entre os candidatos, outros papéis na organização e execução da festa. Os encargos envolvem um custo — se o candidato não tiver recursos ele será ajudado pelos amigos. As relações sociais que estão na base dessas manifestações ganham outra dimensão e induzem a modificações importantes — principalmente porque atenua as diferenças e dilui o poder do individualismo. O “imperador eleito”, rico ou pobre, importante ou inexpressivo, receberá as honras da cidade e conservará a coroa do Divino em sua casa durante seu “ano imperial”, comportando todas as deferências que isso representa.

Além dos encargos que estabelecem as funções a serem exercidas na festa, há uma circulação de ofertas e contra-ofertas, dinheiro, animais, alimentos e hospedagem, por meio dos quais os fiéis honram suas dívidas com o divino. Ninguém é tão pobre que não possa contribuir com alguma coisa quando a “bandeira” do Divino bate à sua porta.

A rede de relações sociais que se forma em função das atividades cria uma convivência solidária e, algumas vezes, competitiva.

A festa de Pirenópolis cresceu. Para receber turistas cada vez mais numerosos,

² O livro de Carlos Rodrigues Brandão, *As cavalcadas de Pirenópolis*, é um importante trabalho publicado sobre essa Festa do Divino. Contém um levantamento completo, incluindo tanto a parte religiosa quanto os festejos profanos.

muitas casas se adaptaram para o estilo “cama e café”. Artesãos confeccionam artigos ricos e variados; doceiras se preparam para oferecer as especialidades da região; habilidosas bordadeiras se revezam na elaboração dos ornamentos, cada vez mais luxuosos, dos cavaleiros e cavalos que encenam a luta dos cristãos contra os mouros; bares, restaurantes, lanchonetes se ampliam e se enfeitam. A cidade ganha brilho, ganha vida e seus habitantes se enchem de orgulho.

Muitos aprovam as inovações da festa. No entanto, não faltam críticas. Moradores antigos se ressentem da invasão, temem a intensificação da parte profana da festa que se desenvolve ao lado das comemorações religiosas; as novenas são perturbadas com o burburinho dos turistas nas ruas. Os mascarados, que, tradicionalmente, percorriam as ruas no período dos festejos, pedindo dinheiro ou bebida, agora se excedem com as contribuições dos turistas.

A festa popular no Brasil tornou-se uma empresa lucrativa. Esse fato recebe aplausos e protestos. Ganha elementos inovadores e recupera o espaço público por intermédio da atividade de criação e experimentação.

Ao avaliar o sentido e importância que essas modificações possam representar é preciso lembrar Arendt para quem “ação e discurso são as únicas formas de que os homens dispõem para mostrar ‘quem são’” (ORTEGA, 2000, p. 26).

Referências

- AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. *Festa “à brasileira”*: significados do festejar num país que “não é sério”. 1998. (Tese de doutorado)—FFLCH-USP, São Paulo, 1998.
- BRAGA, Sérgio Ivan Gil. *Os Bois-Bumbá de Parintins*. Amazonas: EDUA-Funarte, 2002.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Cavalhadas de Pirenópolis*. Goiânia: Oriente, 1974.
- _____. *Sacerdotes de viola*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. Os domínios da hospitalidade. In: DENKER, Ada de F. M.; BUENO, Marielys S. (Org.). *Hospitalidade*: cenários e oportunidades. São Paulo: Thompson, 2003.
- CHAUÍ, Marilena. *Conformismo e resistência*: aspectos da cultura popular no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CUNHA, Maria Clementina Pereira (Org.). *Carnavais e outras festas, ensaios da história social da cultura*. Campinas: Unicamp, 2002.

FERNANDES, Ana Rúbia Figueiredo. Festival folclórico: o que muda em Parintins? *Somanlu: Revista de Estudos Amazônicos*. Amazonas: Valer, 2002.

GODBOUT, Jacques. *O espírito da dádiva*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999.

NOGUEIRA, Wilson. Globalização e turismo. *Somanlu: Revista de Estudos Amazônicos*. Amazonas: Valer, 2002.

ORTEGA, Francisco. *Para uma política da amizade: Arendt, Derrida, Foucault*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

ORTIZ, Renato. *Mundialização e cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1998.

PAZ, Octávio. *O labirinto da solidão*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

SILVA, Cristina Schmit. O comunicador FOLK e as festas de uma só. In: *Anuário UNESCO/UMESP de Comunicação Regional*, n. 5, Umesp, 2002. p. 71.

Artigo recebido em junho 2005

Aprovado em setembro 2006